

# A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR/ALUNO COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO ÂMBITO SOCIAL E PROFISSIONAL

Anely Geralda de Oliveira Santos<sup>1</sup>  
Elza Vieira Santos<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir acerca da influência da efetividade entre professor/aluno com dificuldade de aprendizagem. A escola a partir de uma relação dialógica e interativa entre educador/educando pode humanizar o processo de ensino e aprendizagem, por meio do professor e da afetividade buscando os valores de uma educação humanista. As relações afetivas são negligenciadas em sala de aula. Para realizar este estudo aplicou-se a pesquisa bibliográfica em livros, artigos e texto da internet. Conclui-se que a emoção permeia a vida humana e as experiências afetivas sejam elas positivas ou negativas contribuem e determina a construção psicológica do homem. Hoje, no entanto, existe uma tendência na união desses dois fatores com o objetivo de analisar e perceber a aprendizagem da leitura e escrita de forma mais abrangente. Nessa ação mútua social e intelectual, eles se reúnem qualificando as ideias com a comunicação dos neuropsicólogos e psicopedagogos.

**Palavras Chaves:** Afetividade. Professor. Aluno. Dificuldade de Aprendizagem.

## Abstract

This article aims to discuss the influence of effectiveness between teacher / student with learning difficulties. The school based on a dialogical and interactive relationship between educator / student can humanize the teaching and learning process, through the teacher and affection, seeking the values of a humanistic education. Affective relationships are neglected in the classroom. To carry out this study, bibliographic research was applied to books, articles and text on the internet. It is concluded that emotion permeates human life and affective experiences, whether positive or negative, contribute and determine the psychological construction of man. Today, however, there is a tendency to combine these two factors in order to analyze and understand the learning of reading and writing in a more comprehensive way. In this social and intellectual mutual action, they come together by qualifying ideas with the communication of neuropsychologists and psychopedagogists.

**Keywords:** Affectivity. Teacher. Student. Learning Difficulty.

## Introdução

Educar é desenvolver, abrir horizontes através de experiências significativas e principalmente tornar o homem mais reflexivo e capaz de compreender as idéias implícitas nos livros e em colocações orais, posicionando-se. Nesse sentido, o

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais(FICS). Especialista em Gestão Ambiental com Ênfase em Auditoria e Perícia Ambiental pela Faculdade de Educação Montenegro. Especialista em Gestão Educacional Integrada: Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção. Graduada em Biologia pela FTC. Docente em Ciências Naturais de Ensino Fundamental II na Secretaria Municipal de Candeias-Ba. Email: anely-oliveira@bol.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciências Sociales Especialista em Psicopedagogia pela Escola Baiana de Estatística. Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná. Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Bahia. Professora concursada no município de Camaçari.-Bahia. Atuando na educação Infantil. Email: elza-usher@hotmail.com

professor precisa motivá-los a pesquisa, ao enriquecimento cultural e humano. Deve-se amadurecer por interações entre alunos/educador e alunos/alunos.

O profissional de educação precisa conhecer seus alunos, suas características individuais. Para isso tem que cativá-los, encontrar uma ponte que o permita entrar nos problemas e anseios destes. Não há uma construção de conhecimentos e de sujeitos críticos e participantes sem um amadurecimento do cognitivo e do físico, proporcionado pelo educador. O indivíduo é ser social, por isso, precisa aprender compartilhar com outros, doar-se e organizar-se coletivamente, tornando a sociedade mais humana (PAIN, 2005).

A criança manifesta pela sua postura e qualidade dos seus gestos a sua construção emocional, e geralmente, é no ambiente escolar que esse distúrbio de convivência se manifesta em ações agressivas, inquietação, e dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita, pois, “o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que se sente, se emociona, deseja imagina e se sensibiliza” (VYGOTSKY, 1998, p.73).

Os aspectos afetivos e intelectuais que desenvolve o cognitivo ocorrem de forma integrada, e essa relação torna-se conhecida quando eles são tratados como dois fatores dialeticamente determinantes na transição do fisiológico para o psicológico, e no desenvolvimento dos seres humanos.

### **Sentimentos Cognitivos: Afetos e Emoções na Escola**

Entende-se que a escola tem um espaço fundamental para construção de novos conhecimentos, onde os docentes se entregam prazerosamente seus sentimentos cognitivos, para cumprir sua missão de resgatar nessas crianças as habilidades e competências no seu âmbito escolar.

Buscando sempre a educação cognitiva, torna-se crucial para a escola regular a sua sobrevivência como sistema de formação de recursos humanos em qualquer grau ou nível, requer um currículo cognitivo focado para o desenvolvimento de funções que estão na origem de processos de aprendizagens simbólicas e superiores, pois, ele não só melhora a cognição, como melhora afetividade e a vontade de aprender a aprender.

Então, por conseguinte Fonseca (2005) defende-se que à educação cognitiva têm uma influência relevante para que o indivíduo possa entender que ele está envolvido dentro da sociedade, em um mundo onde ele consegue desenvolver sua

habilidade e competência, fazendo sua escolha, interagindo sempre com o outro. Nessa perspectiva, visa estruturar as relações dos saberes de letramento para entender as necessidades dos discentes que representam baixo rendimento escolar, ocasionado pelas dificuldades de um currículo cognitivo focado na aprendizagem. Do ponto de vista deste cenário, a educação se transforma, quando o docente constrói sua própria identidade, buscando sempre a inovação desses novos modelos educativos.

A educação ficou mais fácil para o educador, tornando a aula mais prazerosa e criativa, pois, nesse novo modelo de conhecimento, o discente se tornou o instrumento humano mais importante do cenário da sala de aula, influenciando no docente uma relação de afeto e dedicação com o outro.

O professor quando se torna inovador, precisa saber que o cenário mudou, tornando-se categórico adquirir novos conhecimentos, sendo assim, Wallon (1998), dedicou grande parte do seu trabalho ao estudo da afetividade, adotando, além disso, uma abordagem fundamentalmente social do desenvolvimento humano.

Nessa interação os professores buscam em sua psicogênese, articular o biológico e o social, atribuindo sempre à ideia de que Wallon associa a afetividade com as emoções, tendo um papel fundamental de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amalgama entre o social e o orgânico. As relações das crianças com o mundo exterior são desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer não tem:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão por que a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as 'emoções' tendem a realizar, por meio das manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, p 262).

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos, é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos (WALLON, 1971, p 262).

A possibilidade de representação, que conseqüentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação. Como se pode observar, o autor, defende que no decorrer de todo o

desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se basicamente através de impulsos emocionais estabelecendo os primeiros contatos das crianças com o mundo (Ibid).

Através desta interação com o meio humano a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elementos essenciais na construção da identidade. Do mesmo modo, as transformações dos próprios domínios da afetividade são os resultados desses conflitos. Se houve quem elaborasse teorias intelectualistas das emoções, deve à preponderância que os motivos e as imagens intelectuais adquiriram no domínio dos sentimentos e das paixões, pois:

Da mesma forma, é ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos. O conhecimento do mundo objetivo é feito do modo 'sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar'(WALLON, 1978, p. 14).

É possível perceber que os problemas de aprendizagem implicam no amplo trabalho do professor junto à família da criança e jovem, para analisar as situações e levantar características visando descobrir o que está causando dificuldade ou empecilho para que o aluno aprenda. É importante saber que o professor não conhece as manifestações próprias do pensamento infantil para as várias faixas etárias, terá dificuldade em identificar o estágio que o aluno se encontra.

No final do século XIX e início do XX, as ideias de Henri Wallon eram amplamente difundidas e os estudos referentes às emoções recebiam uma forte marca naturalista, tornando-se “a ovelha negra entre os demais temas que integravam a psicologia da época e estabelecia-se uma conexão geral entre as emoções do homem e as reações afetivas e instintivas correspondentes que se observam no reino animal” (VYGOTSK, 1998, p. 79-80).

Nessa perspectiva, a aprendizagem é o resultado da interação dinâmica entre a criança com o meio social, sendo que o pensamento e a linguagem recebem influências do meio em que convivem. O funcionamento cognitivo da mente está relacionado à reflexão, planejamento e a organização das estruturas lógicas e vai adequando-se a mediação simbólica e social (Id., 1991).

Enfatizando as ideias dos teóricos acima, os docentes não são os únicos autores deste cenário, pois, a educação não se constrói só com um indivíduo, a escola tem um papel fundamental de inserir toda a comunidade escolar, nessa interação e cognição afetiva, onde Wallon (1998) e Vygotsky (1997), acreditam em que tratar o aluno com afeto não significa tratá-lo com beijos, abraços ou procurando agradá-los, significa apenas que devemos acordar e tomar atitudes que nos leva a sair de nossa indiferença, é justamente a falta da afetividade.

### **A Afetividade na Sala de Aula**

Numa sala de aula onde a afetividade é levada em consideração, provavelmente formará indivíduos com condições de lidar com seus sentimentos, o que contribuirá para um mundo menos agressivo, e para que isso aconteça é necessário que haja uma relação de respeito e cumplicidade entre professor e aluno.

Essa estratégia contribui na interação do professor e aluno dentro de uma sala de aula, vivenciando entre si, um sentimento de confiança e amizade entre os dois. Deste modo, Wallon acredita que as emoções e o afeto já vêm desde o choro do recém-nascido quando vem ao mundo, choro esse de desespero, já Lucrécio (1973), aborda que, ante a vida que se abre para ele, choro de angustia, e Freud (1990), enfatiza que é no momento em que se separa do organismo materno.

No próprio domínio da afetividade, a transformação é o resultado desse conflito. Se houve quem elaborasse teorias intelectualistas das emoções, isso se deve a preponderância que os motivos e as imagens intelectuais adquiriram no domínio dos sentimentos e das paixões.

Nessa expectativa, a construção de conhecimento, constrói dentro de si, novas experiências atribuídas nas práticas pedagógicas, onde o docente demonstra a preocupação de interagir com o discente, na necessidade em contribuir à emoção afetiva. Segundo a mesma abordagem, Vygotsky acredita que a aprendizagem acontece por meio de uma zona de desenvolvimento proximal que pode ser definida da seguinte forma:

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível real 'exprime o desempenho da criança ao realizar suas tarefas sem ajuda de ninguém', e o nível potencial representam aquelas tarefas que criança se- consegue realizar com ajuda de alguém (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Sob o mesmo ponto de vista, Piaget(1996), enfatiza o desenvolvimento ativo das crianças com seu ambiente, mas enquanto descrevia uma mente desacompanhada absorvendo e interpretando informações sobre o mundo, Vygotsky(1998), via o crescimento cognitivo, como um processo cooperativo e afetivo, para que este contato humano estabeleça afeto para que a criança aprenda através da interação social. Elas adquirem habilidades cognitivas como parte de sua indução a um modo de vida.

Na perspectiva inclusiva e de uma escola de qualidade, os professores não podem duvidar das possibilidades de aprendizagem dos alunos, nem prever quando esses alunos irão aprender. Para Vygotsky (1998), os adultos (ou pares mais desenvolvidos) devem ajudar dirigir e organizar a aprendizagem de uma criança até que ela possa aprender e internalizar o aprendizado. Essa orientação é muito eficaz para ajudar as crianças a atravessarem a zona do desenvolvimento proximal (ZDP).

De modo geral, uma importante contribuição da perspectiva contextual tem sido sua ênfase sobre o componente social no desenvolvimento da criança. Nesse contexto, Fonseca (2005) aborda que é interligado por quatro componentes cognitivos fundamentais que são (o input) responsáveis pelas informações recebidas dos sentidos visual e auditivo, responsável pelos processos de memorização, (consistência e processamento) responsáveis pela repetição.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço, tenham em sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seus modos de sentir, mais precisamente ao contrário, porque se dirigem à medida que ela desperta a automatismo que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência, e por intermediário deles, a reação de ordem íntima e fundamental:

A importância da presença do outro, aparece claramente nas formulações de Wallon, é um parceiro do eu, é ele quem vai fornecendo à criança contornos emocionais e conseqüentemente a consciência de si mesmo. Parte do princípio de que as emoções são construtivas da noção de si mesmo. O sujeito é um ser 'social desde o início da vida', aos contatos interpessoais são mais significativos nos primeiros anos que os contatos com objetos (DANTAS, 1990, p.15).

Com base nos estudos teóricos acima, podemos perceber a importância do afeto na relação entre aluno e professor, a escola não deve ser só um lugar onde acontece a aprendizagem intelectual, mas um ambiente no qual se fala de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas.

Desse modo, os momentos da afetividade são fundamentais para a formação de personalidade sadia, salienta-se ainda a importância da intervenção do professor com o papel de promover avanços no desenvolvimento do aluno, para que o docente tenha a capacidade de pensar, ensinar formas de acesso e que possa praticá-las normalmente. E ainda a importância da criança-criança, criança-adulto, com mediadores, oferecendo as possibilidades materiais, sociais e afetivas para que o desenvolvimento avance, sendo assim:

A aprendizagem vai transformando-se em desenvolvimento, à medida que a instrução 'estimula a atividade da criança e desperta os processos de desenvolvimento', que serão aos poucos internalizados e se transformarão em parte das funções que a criança já pode realizar por si mesma (MINGUET,1998, p.53).

Afirmações do tipo, epistemologia é a teoria do conhecimento válido, e mesmo que esse conhecimento não seja jamais um estado e constitua sempre um processo. Esse processo é essencialmente a passagem de uma validade menor para uma validade superior, sendo assim, destaca-se que a epistemologia tem objetivo de explicar a continuidade entre processos biológicos e cognitivos, sem tentar reduzir os últimos aos primeiros, o que justifica, e ao mesmo tempo delimita, a especificidade de sua pesquisa epistemológica.

Dessa forma, Piaget (1976), não consegue evitar uma reflexão filosófica, terminando por fazer uma história da consciência, na medida em demonstrar como se dá o processo de conhecimento real, em contraposição ao modelo ideal, platônico, difundido na época principalmente pela filosofia husserliana. Assim, pretende fugir dos caminhos já trilhados pela filosofia, pela epistemologia e pela história das ciências, buscando explicar a gênese do conhecimento segundo uma visão original, ou seja, pelo estudo do desenvolvimento cognitivo da criança.

O autor, desenvolveu seu trabalho num período em que os estudos em psicologias estavam orientados basicamente por três concepções: a corrente behaviorista (cujos teóricos foram seus principais interlocutores) a Gestalt e a psicanálise, que é abordada por Bergson da seguinte maneira:

A psicologia positivista não considerava esse aspecto qualitativo dos processos psicológicos e concebia uma "inteligência compostas, necessariamente, de unidades homogêneas e comparáveis", pois, só assim a igualdade, a adição e a medida desses fenômenos tornar-se possíveis. (PIAGET, 1974, p.750).

Na concepção de Vygotsky (1998), o desenvolvimento da linguagem afetiva seria o paradigma para explicar a formação das demais operações mentais que

envolvem o uso de signos. Assim como a linguagem, todas as outras funções psicointelectuais superiores aparecem em dois momentos no curso do desenvolvimento da criança.

Primeiro nas atividades coletivas, ou seja, no plano social, e nesse caso, se definem como funções de caráter intersíquico, em seguida, aparecem nas atividades individuais como propriedades internas do pensamento, passando a ser de parte do social (da interação com outras pessoas) e gradativamente, vai sendo internalizada pela criança tornando-se individual. Essa é a forma mediatizada pela qual a criança se apropria do conhecimento historicamente produzido e socialmente disponível.

É preciso observar que tal como a consciência humana, a linguagem nasce e se desenvolve a partir do e no processo de trabalho, ela é o produto da atividade prática conjunta dos homens e, real, concreta, objetiva, graças à linguagem e a consciência de cada ser humano. Não se restringe à experiência pessoal e às próprias observações, uma vez que, com aquisição da linguagem afetiva, conhecimento de todos os homens pode tornar-se propriedade de cada um, enriquecendo, por conseguinte, a consciência individual.

É importante destacar que para Vygotsky (1998), esses estágios de desenvolvimento cognitivo teriam caráter universal, reconhecendo a imensa diversidade de condições histórico-sociais em que as crianças vivem, ele acreditava que as oportunidades abertas a cada uma delas são muitas e variadas, enfatizando, mais uma vez a relevância do social na formação do pensamento. Do ponto de vista vigotskiano, não se pode falar em sucessão rígida de estágios, mas sim coexistência de fases, a depender das condições referidas.

Diante dessa concepção filosófica, a dialética do conhecimento se constrói perante a construção implícita ou explícita de elementos imutáveis, a teoria materialista como apreensão da realidade, define como substância ou essência a própria dinâmica do conhecimento, buscando na criança o elemento importante, o cognitivo. Nesse sentido, a essência do homem é sua prática social e sua criação, é a construção dos instrumentos por meio dos quais ele interage com a natureza, desencadeando um processo mútuo de transformação.

Não há uma essência humana universal e imutável, há uma essência construída historicamente, por outro lado, a formação de professores e os projetos e modelos educacionais associados ao uso de computadores, internet e dispositivos móveis na educação formal, seguem ancorados em conceitos e pressupostos sobre



cognição e aprendizagem, formulado em contexto histórico muito distinto deste em que estamos vivendo e no qual estão sendo formadas as novas gerações.

Acreditamos que uma das principais mudanças necessárias à educação no século XXI, seja a superação da ideia de que a mente humana é apenas um processador de informação dentro o cérebro de um indivíduo isolado (desengajado do mundo) e que os processos cognitivos dependem apenas de capacidades internas inatas, pois:

Max define as ações humanas como relações com o mundo, relações humanas que constroem o próprio homem, que seja no sentido biológico (isto é, no desenvolvimento de seu aparato perceptivo), quer sejam sentido prático e espirituais. (isto é, no desenvolvimento de seu aparato volitivo, afetivo, motivacional, em outras palavras, o comumente denominado aparato psicológico). Ao definir desta forma as ações humanas e seu desenvolvimento, nega a concepção de uma natureza humana pronta, imutável, resultado de algo exterior e independente ao próprio homem. Supõe não apenas as 'necessidades de um homem ativo na construção de conhecimento, da natureza contínua e infinita de construção de si mesmo'(ANDERY et al.1998, p.417).

Através dessa interação, Vigotski enfatizou a ideia marxista, percebeu que no campo psicológico, a invenção e o uso de signos como meios auxiliares na solução de problemas são análogos à invenção e ao uso de instrumentos de trabalho. Dessa forma, a passagem da consciência social para a individual, só é possível graças ao fato psicologicamente fundamental, de que a estrutura da consciência humana está intimamente ligada à estrutura da atividade do indivíduo.

## **A Afetividade e a Educação Inclusiva**

Assim como a afetividade, cognição é um elemento fundamental na psicogênese da pessoa completa, sendo que o seu desenvolvimento também está relacionado à história da educação especial, no marco do qual se fortaleceu a perspectiva de uma educação inclusiva, dessa forma, destacam-se quatro momentos:

(a) fase da exclusão; (b) fase da segregação institucional (c) fase da integração, (d) fase da inclusão, sendo caracterizada pela compreensão e pelo fortalecimento de práticas de respeito às deficiências, dificuldades e desvantagens de aprendizagem (SOUZA; RODRIGUES, 2007).

Do ponto de vista legislativo, a educação inclusiva corresponde a processos diferentes no que diz respeito às práticas que lhes dão suporte. Ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, mesmo tempo, que de poder, de "economia e de direitos sociais" (SAWAIA, 2008, p. 98).

Conseqüentemente, encontra-se a afetividade como um recurso que legitima as reflexões sobre as desigualdades sociais, a diversidade, a discriminação e preocupação com a classe popular no que tange ao sofrimento do pobre frente à falta das condições essenciais básicas de sobrevivência, dentre elas a educação. A esse respeito Soares afirma que:

A formação dos professores passa por uma redefinição das competências e das principais funções a eles atribuídas. A formação inicial, bem como a 'formação continuada de professores' visando a inclusão de todos os alunos e o acesso deles ao ensino superior, precisa levar em conta os princípios de base que os instrumentalizem para a organização e a gestão da classe, bem como princípios éticos, políticos e filosóficos que permitam a esses profissionais compreenderem o papel deles e da escola (FIGUEIREDO, 2007, p. 142).

Nessa vigência de conhecimento, o psicanalista acredita nas virtudes de novos instrumentos que permite o educador entender a necessidade de interagir com os discentes de maneira mais calma e compreensiva. Buscando sempre uma compreensão cognitiva, onde o educando transmite dentro de si, regras na sua prática pedagógica, observando sempre a virtude do indivíduo em uma ação duvidosa.

A psicanálise chama a atenção, se assim pode-se dizer, para o conflito inerente ao papel de professor, que ocupa um lugar de saber e conseqüentemente de poder, mas deve renunciar a ele, a fim de proporcionar que o aluno seja mestre de si mesmo. Podemos traduzir como a preocupação em que este papel que é investido de poder pela própria posição que ocupam, seja exercido de forma "autoritária e cega e possa favorecer a autonomia do aprendiz e a sua constituição como sujeita" (FREUD, 1990, p.147).

A relação da psicanálise com a Educação tem seus primórdios com Sigmund Freud, que observou pontos em comum entre ambos, ou mesmo de discordância entre as especificidades dos campos de conhecimento aqui mencionados. Ele demonstrou seu interesse pelas conexões que a psicanálise e a educação poderiam vir a construir entre si, a importância das ligações possíveis, fornecendo, também, algumas ideias de como eles poderiam ocorrer.

Das contribuições da psicanálise e da formação de professores, inicia pontuando que os estudos no Brasil em psicanálise e educação, gozam nesta contemporaneidade de reconhecimento nos campos universitário e social. Enfatiza que tanto na França quanto na Argentina o desenho é semelhante, embora as

nuances se fazem presentes, as três vias de ação da psicanálise na educação apontada por Freud, mostra a formação de professores e/ou educadores.

Nessa perspectiva, os professores encontram simpatias e antipatias (amores e ódios) que pouco fizeram para pessoas substitutas dos primeiros objetos de desejo e sentimentos amorosos, que eram endereçados a pais e irmãos. Cada um estuda as características dos seus professores e forma – ou deforma – as próprias características no contato com esses substitutos (FREUD,1969).

Nesse contexto, é inegável que a construção da ligação de afeto entre o educador e o educando, possibilita entre si, uma transição neurológica que atua automaticamente no cérebro, que facilita geneticamente a ação do desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Sendo assim:

A atitude do professor pode facilitar ou dificultar o aprender do ensinar. Quando o professor permanece próximo ao aluno e não adota atitudes intimidatórias facilita seu aprendizado, e o aluno pode expor seus afetos prazerosos e desprazerosos. O encontro com o aluno exige uma postura de acolhimento, de poder perceber suas 'dificuldades e poder ajudá-lo'. Por um lado, não se tem clareza de sua dimensão, ou seja, até onde o professor terapeuta vai dar conta de uma demanda emocional e particular do aluno. Por outro, ele se sente também responsável pela formação profissional desse aluno. Esse embate gerado para alguns professores a sensação de não estar dando conta das suas funções ou sentimento de não estar preparado para o exercício do seu papel profissional (ROSA; EMEL, 2001, p.53).

As dificuldades dos professores em lidar com o fenômeno da transferência é consenso entre estudiosos da interface entre psicanálise e educação, que tal como no tratamento analítico, na educação a transferência é o que garante o sucesso do processo pedagógico, para isso, o aluno deve supor ao professor um determinado saber.

A partir dessa suposição ou da ausência dele, é que o professor se fundamenta ou não, como uma figura de autoridade, Freud (1969), chega a falar que submeter à análise seria fundamental para os professores, diante dessa missão de educar considerada por ele como impossível (junto com governar e a própria missão do analista, como já visto), mas é evidente, que não se deve impor aos professores essa questão.

Ao mesmo tempo, Santos (2009), não têm dúvidas de que o conhecimento de alguns pontos da teoria psicanalítica ajuda a esclarecer o professor, e deixá-lo ciente dos elementos de sua subjetividade que interferem na relação com os alunos e da subjetividade deles, e isso independentemente de o professor merecê-los.

Definitivamente, a psicanálise ajuda o professor a compreender essa intrincada relação, dimensionar sua importância, chamar a reflexão sobre si mesmo e sua prática docente.

Atendendo para sua singularidade, a responsabilidade, representação, expectativa de desejos inconscientes, que em muitos casos desemboca em conflitos que contribuem decisivamente para o que se convencionou chamar de fracasso escolar. Considerando as ideias dos autores abaixo, podemos analisar os conflitos que os docentes passam dentro da sala de aula, explicitando dentro de si a conclusão de estar inserida numa sociedade que atua dentro da educação, conseqüentemente os autores expressam:

[...]de certa forma 'o professor é responsabilizado completamente pelos seus sucessos e pelos seus fracassos em todos os âmbitos da vida', inclusive no lugar do docente, o que justifica seu sentimento de angústia, que cresce para a situação de mal-estar (BAUMAN, 2001, p.43).

A escola enfrenta uma crise social de valores culturais cada vez mais fluidos, em que a autoridade do professor vem sendo claramente negada geração após geração. Ser professor, na atualidade, significa abraçar uma função de amplitude, ocupando um lugar múltiplo, de definições diversas e que carrega a marca da falta que caracteriza o sujeito ( AGUIAR e ALMEIDA, 2009, p.72).

Numa sociedade de incertezas e insegurança extrema, a escola torna-se um reflexo disso, podendo inclusive exercer o 'papel de ferramenta de exclusão', definido bem claramente as diferenças sociais(Ibid., p.3-5).

Nessa perspectiva a Educação Inclusiva é fruto de um movimento mundial que conjuga ações e esforços na esfera política, cultural, social e pedagógico em defesa do direito de todos os alunos a aprender e a participar. No contexto de inclusão em educação, a política nacional tem como objetivo o acesso e a participação da aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades de super dotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino a garantir o ensino de qualidade.

De acordo com a Teoria Construtivista, a aprendizagem depende diretamente da disposição do aluno para aprender também sua individualidade. Isto entra em harmonia com a ideia de Inclusão Social, uma vez que os alunos a serem incluídos nas escolas tenham suas particularidades respeitadas, sintam-se motivados e possam progredir em sua aprendizagem.

Apesar das dificuldades de o indivíduo entender a importância da escola privilegiar aluno com dificuldade de aprendizagem, conviver com as pluralidades

culturais apresentada pelos estabelecimentos de ensino e pelos profissionais envolvidos direta ou indiretamente ao processo escolar, transforma a escola em uma espécie de não-lugar que incapacita os sujeitos de criarem um elo de identificação com o ambiente.

Dessa maneira, apesar das lacunas existentes, a Lei de Diretrizes e Bases, são fundamentadas na premissa constitucional de igualdade, propicia espaços para discussões acerca da pluralidade étnica e cultural e abre espaço para o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

Nessa perspectiva da educação inclusiva, o reposicionamento político da comunidade escolar, permitirá que os gestores proporcionem práticas que possibilitem o direito de aprender, considerando que aprender envolve relação com o saber, no sentido de: 'valorizar a indagação crítica como estratégia de conhecimento, aprender para compreender e agir questionar as representações 'únicas' da realidade, mudar a organização do espaço e do tempo escolar e, sobretudo, compreender a escola como geradora de cultura e não só de aprendizagem de conteúdo (HERNANDEZ, 1998,p.61).

No âmbito educativo, o educador deve estar baseado em planos e projetos coerentes, significativos e objetivos, para que a comunidade escolar esteja dentro do contexto sobre os Temas Transversais, no convívio escolar, nas relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, como instrumento auxiliador do desenvolvimento de habilidades importantes para o educador e para o educando, sendo que esses itens estão descritos abaixo da seguinte maneira:

Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até o ensino superior; atendimento educacional especializado; continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino; 'formação para atendimento especializado e demais profissionais da educação para inclusão escolar; participação da família e da comunidade'; acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e articulação interssetorial na implantação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p.14).

Na concepção de Darling-Hammond (2001), a provisão de uma educação de qualidade para todos só é possível se houver responsabilidade compartilhada por parte de todas as instâncias e profissionais envolvidos com a formação de nossos estudantes. De forma complementar, Hernandez (1998), afirma que não é possível recriar a escola se não se modificam o reconhecimento e as condições de trabalho dos professores.

Nessa posição entre a escola e a divergência, podemos afirmar que o docente está completamente perdido na sua prática pedagógica dentro da sala de aula, pois, o professor precisa do espaço físico e econômico para garantir a interação em uma educação cognitiva entre professor e aluno.

A educação é um direito humano, fundamental e, portanto, deve ser colocado à disposição de todos os seres humanos, assim, é óbvia a conclusão de que as pessoas com deficiência também são seus titulares, mas vamos penetrar um pouco mais nesse direito tão amplo.

### **Considerações**

Refere-se aqui neste trabalho as manifestações emocionais que se constituem na criança, e são enfatizadas de forma profunda com vinculação existente entre afetividade e aprendizagem na base de todas as formas de interação da criança para a inclusão social. Pela emoção, reação que foram ao longo da história individual ou do grupo, tornando-se condicionadas, passam a ser manifestadas, independente de sua concordância ou oposição a situação objetiva (lógica) presente.

Ao final da pesquisa pode-se afirmar que a afetividade tem interferido no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita considerando um relevante campo de pesquisa. A problemática a ser analisada é o contexto da sala de aula, quando se depara com um conjunto de pessoas diferentes entre si e sobretudo, alunos que trazem um diferencial de vida, seja ela social, emocional e principalmente afetivo, que muitas vezes acaba por refletir no âmbito escolar.

A emoção permeia a vida humana e as experiências afetivas sejam elas positivas ou negativas contribuem e determina a construção psicológica do homem. Hoje, no entanto, existe uma tendência na união desses dois fatores com o objetivo de analisar e perceber a aprendizagem da leitura e escrita de forma mais abrangente.

As relações entre afetividade e aprendizagem contribuem na formação do indivíduo, desenvolvendo por certo habilidades que derivam dessa relação; o trabalho docente requer uma capacidade também afetiva, para que a condução dos trabalhos sejam efetivados; o convívio o respeito à valorização do outro também é de fundamental importância para o crescimento pessoal e para construção social.

A importância dessa vinculação favorece as relações interpessoais no contexto escolar, favorecendo a autoestima do aluno, dando assim, uma melhor demonstração das possibilidades de êxito no trabalho docente articulado com a afetividade. Efetivamente a escola é um espaço adequado para os docentes, pois, à educação afetiva transforma o indivíduo em um ser mais harmonioso e compreensivo. O afeto é um conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sob a forma de emoções e sentimentos acompanhados, em certa medida, ou desagrado, da alegria ou tristeza.

## Referências

- AGUIAR, R. M. R; ALMEIDA, S. F. C. **Mal-estar na educação: o sofrimento Psíquico de professores**. Curitiba: Juruá, 2009.
- ANDERY, M. A.; et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. São Paulo: EDUC, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. **Decreto nº6.571, de 17 de setembro de 2008-Atendimento educacional especializado**. Brasília, 2008.
- DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo : Manole, 1990.
- FIGUEREDO, R. V. **Por uma prática inclusiva na educação infantil**. Recife: Editora Soares & Figueredo, 2007.
- FONSECA, A.M. **Desenvolvimento Humano e Envelhecimento**. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.
- FREUD, S., 1969. **Sobre o narcisismo: Uma Introdução**. Obras Psicológicas Completas Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- HERNADEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: Projetos de trabalho**. Porta Alegre: ArtMed, 1998.
- LUCRÉCIO, T. **Da Natureza**. São Paulo: abril Cultural, 1973.
- MINGUET, P. A. **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.
- PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 8 ed. Porto, 2005.
- PIAGET, J. **A construção do Real na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976
- PIAGET, J. **As Formas Elementares da Dialética**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- ROSA, S; EMMEL M. L. **Reflexões sobre os diferentes papéis assumido pelo terapeuta Ocupacional**. v. 9 n. 1. São Carlos: Ufscar, 2001.
- SAWAIA, B. Introdução: Exclusão ou Inclusão perversa? In: (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras excogitas**. Madrid: Centro de Publicações Del MEC y Visor Distribuições, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Européia, 1971.

WALLON, H. **Do Ato ao Pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 9 ed. Lisboa: Edições 70, 1998.